

De: Manuel Sérgio

Avenida de Berna, 27, 2ª., dt.,

1 000 Lisboa

Lisboa, 18 de Novembro de 1983

Exm<sup>ã</sup>. Senhora

Eng<sup>ã</sup>. Maria de Lourdes Pintassilgo

Como sou um seu admirador, pois estou inteiramente consigo, na pureza das suas intenções e na humildade na descoberta do "novo", já que o mundo social e cultural, em que vivemos, está nas vascas da agonia - tomo a liberdade de oferecer-lhe um documento da minha autoria, donde (julgo) emergir muito do que a Sr<sup>ã</sup>. Eng<sup>ã</sup>. tem defendido e corporizado exemplarmente na vida. Embora o tema seja Desporto - eu julgo que também esta actividade é chamada a concorrer à transformação do que de velho e caquético existe no mundo de hoje.

Subcreve-se, respeitosamente,  
Manuel Sérgio

(Manuel Sérgio)



MANUEL SERGIO

MANIFESTO PARA UM DESPORTO

DO FUTURO

Fundação Cuidar o Futuro

enviado em 18/NOV/83  
(ver anexo 2)



### 1. Introdução (ou uma pequena peregrinação interior)

Servindo-se do ceticismo, como opção preferencial, António Alçada Baptista escreveu, há pouco: "Não tenhamos dúvidas, a nossa civilização está no fim (...). O que o nosso tempo nos revela, se quisermos olhar com atenção, é que o modelo civilizacional que adoptámos não tem já condições de existência. As ideologias deixaram de responder às perguntas que, tantas vezes no meio da maior agonia, continuam a ser formuladas. Nas sociedades onde foram experimentadas, perderam todo o seu poder mobilizador e só têm apelo naqueles pobres lugares onde as carências são muitas, quando vistas com os olhos da nossa civilização, e não lhes demos ainda oportunidade de revelar o seu malogro rotundo" (Peregrinação Interior, Vol. II, O Anjo da Esperança, Edições Uranus, Lisboa, 1983, pp. 25/26). A partir deste mesmo ângulo de visão, pensadores de boa cepa, que aliam a compreensão humana à subtil análise da cultura contemporânea, não escondem o seu desengano atroz pelo monismo economicista, que pervade o nosso mundo e se desentranha em três grandes vias: o consumismo (em que a pessoa se analisa tão-só como instrumento de produção e objecto de consumo); o individualismo (segregado pelo liberalismo económico, perfeitamente cego e avesso às exigências da justiça social); o colectivismo (onde a pessoa custosamente se assume como consciência e liberdade e vive prisioneira da sua existência social). O colectivismo confunde-se com o estatismo, onde o Estado é tudo e o cidadão quase nada. Enfim, muitos são já os que procuram o "código da estrada" da humanidade nascitura... que se anseia! Sabendo que a mudança é inevitável e necessária, sem deixarem de rejeitar o anarquismo, a nevrose de uma agitação sem finalidade.

Por consequência, em poucas palavras, visto que, na esteira do que já escrevi e afirmei, atravessamos a idade de ouro da retórica (não digo da sofística, pois que os sofistas, assim penso hoje, foram os primeiros humanistas que a História nos revela), onde se entrecruzam o discurso agressivo da agitação-propaganda, as opiniões mais espúrias ou menos credíveis e as

formulações doutrinárias dos modelos e contramodelos ideológicos. Isto é, com as palavras julgadas suficientes, vou tentar perspectivar e antecipar o desporto do futuro, quero eu dizer: uma prática tão transformadora da endémica letargia que parece caracterizar o desporto da sociedade do rendimento; quanto capaz de traçar um espaço onde o homem de amanhã possa existir e coexistir em Consciência e Liberdade. Num mundo crispado e ensurdecido pela vozearia dos tribunais e das centrais de manipulação - é preciso pairar, embora o esforço exigido, acima da insegurança conformista e procurar o sentido do mundo por nascer, que visa restituir um rosto de beleza física e moral à esperança dos homens.

A sociedade do rendimento, ao serviço da TER e do PODER, tem os dias contados. A crise do petróleo, que abalou o Mundo nos despreocupados primeiros anos da década de 70, não ficou a dever-se tanto ao despertar ou ao caprichismo dos árabes. Porque uma crise não deve entender-se, acima do mais, como um problema técnico ou político, mas filosófico. Com efeito, nos dias que passam, de tanto pensarmos os meios, esquecemo-nos dos fins. A filosofia e a religião são imprescindíveis, por isso mesmo: por recuperarem, para o homem de hoje, zonas do humano abandonadas ou inexploradas e sem as quais não atingiremos (explícita ou implicitamente) as razões últimas de tudo e de todas as coisas. Circunscrever o mundo à experiência (como Comte o pretendeu fazer) é reduzir a realidade e roubar hipóteses a uma construção do Futuro como experiência do Absoluto. O "homo oeconomicus" (o homem da sociedade do rendimento) contempla, tenso de espanto, o avanço do desemprego e da criminalidade; o aumento dos suicídios e da pornografia; o proliferar duma agitação, sem finalidade aparente; o explodir do terrorismo urbano e da delinquência juvenil; o desmoronar fragoroso do sistema financeiro internacional; o alargamento do fosso das desigual-

dades entre países ricos e países pobres; o estrondoso fracasso de valores tidos por intocáveis, duas ou três décadas atrás; o predomínio da economia de guerra, centrada na venda ou na compra de material bélico e em consonância com os déspotas esclarecidos, que dominam o mundo actual; um modelo ecológico em regressão, com a população apinhada em poucas cidades monstruosas e com uma exploração e desprezo selvagens dos recursos naturais.

As manias do TER e do PODER geram e alimentam o mais tenebroso individualismo, em guerra permanente com os outros e com a própria Natureza, e ainda uma ética ambígua, eivada de hipocrisia. Em meia dúzia de palavras: uma competição brutal, entre os homens e as nações. E, por isso, na alta competição desportiva, não se respeita uma atmosfera lúdica, agasalhada, convivente. E, assim como na competição brutal do dia-a-dia encontramos vencedores cultuados e vencidos desprezados, originando tensões, frustrações, recalcamientos - também na alta competição desportiva, seu reflexo (por vezes demasiado fiel), vemos enbravecer os sentimentos mais virulentos e um dualismo incontroverso entre o campeão e os demais concorrentes. Daí que, para se alcançar a vitória, se utilizem todos os processos, incluindo os mais condenáveis. Porque só interessa ser campeão: é ele a merecer os subsídios, as medalhas, os aplausos, a palavra reconfortante. Os outros, porque rendem menos, pouco valem.

O próprio desporto para todos (que poderia tornar-se na maior revolução pedagógica, de há um século para cá) não é para todos! Não é para os humilhados e ofendidos: para os marginalizados, sem acesso a uma educação física, intelectual e axiológica e à fruição do património cultural da humanidade; impedidos de aperfeiçoar, completar, renovar ou readaptar as capacidades humanas, em qualquer idade. De resto, impulsionando o desporto-para-todos estão, aqui e além, as

multinacionais do material desportivo, fomentando um consumo que lhes dá lucro e submetendo ao lucro os valores básicos, sem os quais o homem deixa de ser senhor do seu próprio destino e inventor do seu futuro. O desporto popular, nos países esmagados por ditaduras, carimbem-se elas de direita ou esquerda e onde, por consequência, as desigualdades se acentuam e as liberdades individuais se suprimem, visa, acima de tudo, o controlo e o adormecimento das classes menos favorecidas. O desporto, mormente o de alta competição, na sociedade actual (a sociedade do rendimento, onde só vale quem rende) pretende tornar neutra a voz dos seus consumidores, em relação à defesa da dignidade de todos os homens. O frenesim do consumismo ou o colectivismo opressor geram afinal o mesmo tipo de prática desportiva, alienante e manipuladora. Porque, tanto a competição e o crescimento, sem limites, como a planificação centralizada, levada aos extremos da quase supressão da iniciativa individual, se encontram ao serviço de uma só classe, em detrimento das restantes.

### Fundação Cuidar o Futuro

Escreve-se, por aí, que o mundo está cansado de guerras. Não é verdade! Enquanto houver super-homens e sub-homens, superiores e inferiores; enquanto o prestígio se buscar, principalmente no TER e no PODER - a guerra é a essência mesma do estar-no-mundo, tanto a nível nacional, como internacional. Também enquanto houver o vitorioso glorificado e o derrotado vilipendiado e esquecido; enquanto poucos forem superiores a muitos; enquanto a alta competição surgir como a guerra... por outras formas - o Desporto continuará acendendo paixões inúteis, onde o Diálogo, a Liberdade e a Solidariedade tombam desfeitas em cinzas. Um desporto, como apurada consciência moral e um razoável grau de maturidade cultural e cívica, como forma de os homens consciencializarem e exercitarem a sua dignidade, os seus direitos e obrigações, há-de rejeitar o pensamento e a política do totalitarismo e do individualismo - os dois grandes elos da opressão. Depois de uma peregrinação interior (por dentro do mundo que nos rodeia e por dentro de nós mesmos), não chegaremos a outra conclusão... se acaso fazemos do DESPORTO uma palavra desfatalizadora, portadora de novidade histórica.

## 2. Nova concepção do Desporto

Na sociedade do futuro (se acaso pretendemos que o Mundo tenha futuro), em nítida rotura com a intolerância, o puritanismo e a competição da sociedade do rendimento e com os seus pressupostos filosóficos (o utilitarismo inglês e o dragmatismo norte-americano) - o talento, a cultura, o ócio e a economia da abundância tomarão o lugar que hoje ocupam a especialização redutora, a produção pela produção, o consumismo e a economia da escassez (alimentada pela mania do crescimento incessante). Isto, porque a qualidade, a criatividade, a subjectividade, a auto-gestão, o interesse ecológico, o desenvolvimento regional, a descentralização, a renúncia ao consumo supérfluo, o amor do homem enquanto homem (e não por razões de ordem ideológica ou religiosa) não-de prevalecer sobre o totalitarismo voraz do consumo (o TER, em determinadas circunstâncias, escraviza) a competição violenta e o poder absoluto (de um homem ou de uma classe). O capital e o trabalho continuarão, de facto, mas através da descentralização, da ausência de crescimento e de uma economia cooperativa e de ténue competitividade. A ausência do individualismo cego e da competição irreconciliável assinalam que <sup>está</sup> por fazer uma revolução do sentido, em que a economia se reorienta em direcção em direcção à qualidade e não à quantidade, ao desenvolvimento e não ao crescimento (que, nem ao de leve, toca nas injustiças sociais - pelo contrário, agrava-as). Aliás, não há necessidade de mais automóveis, mas de melhores transportes públicos; não há necessidade de saber mais (quando o saber se confunde com o poder), mas de saber melhor; enfim, não há necessidade de ter mais, mas de ter melhor, para ser em plenitude. A sociedade do rendimento, porque exige sempre mais, servindo-se de critérios puramente económicos e dando ao desprezo os critérios éticos, conjuga a insegurança e ansiedade com a crise moral; potencia um trabalho a-crítico e o conformismo; estimula e apoia uma prática desportiva, subordinada às grandes idolatrias vigentes: o crescimento, o rendimento, o narcisismo, a prosperidade económica. O desporto do futuro nascerá, por isso, da rejeição frontal do Desporto do Poder Manipulador,

agressivo, levando à violência e aos hegemonismos e contemporizador com todos os interesses da classe dominante) e da criação de um novo sistema de valores. Terá as características que a seguir se resumem (se acaso me anima alguma consciência antecipadora):

1. A competição-diálogo, no lugar da competição brutal, isto é, visando mais o belo e o convivencial e procurando responder às necessidades do homem em busca de mais ser, do que a medida, o rendimento, o recorde, carregados de agressividade e de intolerância, uma competição tecnicamente avançada e moralmente ameaçada.
2. A consciência e a liberdade, sem perda da dimensão comunitária vivida ao nível dos pequenos grupos, no lugar da militarização, da robotização e dos critérios prioritariamente económicos e em que por isso a informação e a documentação psicológicas tenham também o seu lugar, em relação íntima com a prática científica dos especialistas e as vivências dos técnicos, atletas e dirigentes.
3. Jogo, Humor e Festa, no lugar do puritanismo ascético e da lógica puramente tecnocrática, geradores de ansiedade e tristeza - Jogo, Humor e Festa a emergir também dos órgãos da Comunicação Social, libertos (porque se libertaram) da subversão do dinheiro e dos interesses. A Informação não é neutra. Agindo ou reagindo, reflecte a hierarquia das relações sociais e a dialéctica que as anima.
4. A reforma permanente (no treino, nas competições, nas federações, nas associações e no clubismo em geral), no lugar da revolução permanente ou do imobilismo esclerosante - reforma permanente, visando o desenvolvimento

qualitativo (e não o crescimento quantitativo) e a descentralização.

5. A ecologia, a preservação do natural, os espaços verdes e um urbanismo architectado em critérios ecológicos e não em considerações de rendimento económico (causa próxima das monstruosas e asfixiantes megalópolis industriais), no lugar do pragmatismo do Lucro e do artificialismo do Poder. A cidade (etimologicamente de civitas) civilizou o homem, mas as megalópolis afastam-no da Natureza e dos outros homens - de uma vida sadia, em suma. Só agora as pessoas começam a cair na conta do preço que têm de pagar pela sociedade do rendimento. As percentagens assustadoras das doenças mentais, nervosas e cárdio-circulatórias traduzem um custo real.
6. Desporto que saiba o seu papel, na renovação e transformação do homem e que, portanto, tome a primazia aos grandes espectáculos multitudinários, massificantes, manipuladores, intoxicados de semi-deuses e de mitos. Um desporto que se integre no direito ao ócio dos cidadãos não está contra o espectáculo desportivo, mas contra o sistema de valores que o comandam, nos dias de hoje.
7. Desporto, não só visando a saúde e aptidão, mas também agente e fautor de cultura. De uma cultura que não aprofunda a retura, ainda vigente, entre a ciência e a filosofia, entre a técnica e os valores. Porque não deixa de ser grave saber como se faz desporto, desconhecendo os fins últimos da sua prática. Com isto, não se menospreza a tecnologia, acentua-se tão-só (como o fizeram, há muitos séculos, os sofistas) que o homem é a medida de todas as coisas.
8. Desporto que actualize o substracto cultural do povo (dando a maior atenção aos jogos tradicionais, às diversas formas de desporto popular, às pequenas agremiações locais), no lugar do imperialismo do desporto-instituição, reproduzidor e multiplicador



das taras do TER e do PODER. De facto, a manutenção dos jogos tradicionais representa, em muitos casos, uma recusa activa e empenhada, por parte do povo, do desporto do Poder. Não residirá, nestes jogos e desportos populares, a semente de um desporto novo? Tem tudo para isso: ânsia de vencer, expressividade e comportamento motores e, simultaneamente, JOGO, HUMOR e FESTA!

9. Desporto dirigido, fomentado e planeado por desportistas e não por políticos e endinheirados, recém-convertidos ao dirigismo desportivo, para instrumentalizarem o desporto ao serviço da propaganda ideológica ou da publicidade comercial. Estes últimos, cultivadores do narcisismo e dando prioridade a todas as formas de domínio, obstaculizam a criação de espaços onde o homem possa

Fundação Cuidar o Futuro

10. Desporto que não seja ciência e técnica, para condicionar o praticante e o espectador das maneiras mais aviltantes e estranhas, para reduzi-lo a simples feixe de reflexos, mas que seja ciência e técnica, para melhor se corporizarem no tempo os projectos de promoção e libertação do homem.

11. Desporto que se estuda no âmbito das Ciências do Homem e, por consequência, não surja como um processo espontâneo, imediatista e que aluda a três leis que interferem na criação e na expressão de qualquer mundividência desportiva: a lei do reflexo, a lei do género e a lei do génio. Lei do reflexo: porque é impossível apagar do horizonte do desporto (seja ele educação, lazer ou média e alta competição) as coordenadas de espaço e tempo e

cultura, que o modelaram e geraram. Lei do género: porque o desporto tem o seu campo próprio... e não outro! Espaço dinâmico, linha de força, onde jogam, sobretudo, a metricidade, a imaginação e o ritmo e onde tudo pode constituir-se em nova dimensão (neste caso, o desporto pode assumir a dimensão do futuro). A dimensão dada pela palavra, pelo logos da linguagem corporal. Lei do génio: porque o desporto depende do praticante, não só enquanto reflexo, mas também enquanto projecto. O desportista, com toda a sua capacidade de submissão e de insubmissão ao aqui e agora, é um indivíduo que manifesta singularmente a sua visão da prática desportiva... a sua visão do Mundo!

12. Desporto em que não haja modalidades prioritárias, porque todas elas são prioritárias, porque todas elas são prioritárias, desde que integrem a educação continuada dos agentes do desporto (praticantes, técnicos, dirigentes, árbitros, investigadores e críticos) e do público em geral.
13. Desporto de Alta Competição só e enquanto expressão do desenvolvimento sócio-cultural de um povo e capaz de sublinhar os laços orgânicos, que unem os povos e as nações. O desenvolvimento integral do desportista anda efectivamente a par com o desenvolvimento solidário da humanidade.
14. Desporto sem violência, porque nele desapareceram as barreiras entre o ser e o dever ser.
15. Desporto que tenha por si instalações sócio-desportivas, situadas nos bairros, nos locais de trabalho, de modo que facilmente delas possam dispor os que pretendam praticar as Actividades Corporais (o treino, a dança, a ginástica, o jogo, o desporto e o circo)... sem perda da ideia de que o desporto

é também uma actividade de ar livre (também e principalmente).

16. Desporto que tenha por si, esclarecidas e amplas, a Medicina Desportiva e a Psicologia Desportiva, perseguindo menos o rendimento do que o homem como valor e destino.
17. Um Desporto que represente o termo do dualismo corpo/alma e das oposições uno/múltiplo, simples/complexo, natureza/cultura e homem/mulher.
18. Um Desporto-Alternativa, no lugar de um Desporto-Repetição (este último resignado e fatalista, impossibilidade de proclamar novos valores e de procurar novas experiências).

No transcurso da História, a imaginação tem sido olhada com desconfiança, como causa próxima de erros irreparáveis. Escapou-nos o outro lado da imaginação: a sua função criadora e libertadora. Também, no campo do Desporto, a imaginação é necessária. Para que nos libertemos de um desporto que nos leva ao absentismo e edifiqemos um outro que, através da motricidade, nos abra os horizontes da Esperança.

### 3. Uma proposta (subsídios para uma teorização)

Após dois mil anos de cristianismo; após três grandes revoluções no campo das ciências (a de Copérnico e Galileu, que permitiu o surgimento da física matemática; a da termodinâmica, que facilitou o triunfo da máquina; e, a partir dos anos 50, a cibernética, a teoria da informação, a genética e a bioquímica celular); após as revoluções burguesa e socialista; em plena floração das Ciências do Homem e quando já se anuncia um Mundo Novo (fenómeno que traz consigo, como dado de fundo, a própria esperança); mas em estado de guerra contínua (guerra do homem contra o homem e do homem consigo mesmo, já que os suicídios se registam em proporções sem precedentes); com meios para viver, mas sem razões para viver e a crise instalou-se na sociedade hodierna.



Pairam, por isso, sobre o mundo actual, ao lado de ameaças terríveis, ansiosas interrogações: Que espécie de homem queremos nós? Ora, todo o acto de interrogar nos introduz no mundo dos possíveis. E, entre os possíveis, duas vias há de áspero radicalismo: ou nos entriçamos no Passado, vivendo do bafio glorioso de algumas belas recordações, ou nos deitamos a correr, instintivos e enfebrecidos, em direcção ao Futuro. Mas há um possível que é necessário e urgente realizar, conjugando o respeito pelo Passado e a yontade de Futuro, a criatividade e a memória, o conhecimento daquilo que é e a criação daquilo que deve ser.

O Passado é indispensável, na construção do Futuro. O Passado representa o que eu fui, antes de mim. Passado, Presente e Futuro constituem uma Totalidade, unidos por uma dialéctica implacável. No entanto, se em épocas estáveis predomina o reflexo, nas épocas de crise o projecto apresenta-se como absolutamente necessário. Ora, época de crise é a nossa, como talvez nenhuma outra. Época-gestação-de-um-mundo-novo, bem manifesta no encanto e desencanto do homem, pelo seu poder e a sua sujeição; no encontro, gerador de desnorte, das correntes mais antagónicas, desde o espiritualismo ao materialismo, do racionalismo à magia, da nova direita à nova esquerda. As Actividades Corporais, nas suas formas de lazer, educação e média e alta competição, são também chamadas a perspectivar e antecipar o Futuro que se anseia: um Futuro que seja a base forte e duradoura do humano em totalidade. Mas não há vida humana plena que não suponha ciência e consciência ou, por outras palavras, ciência e filosofia: a ciência, para que, nas Actividades Corporais (de que o Desporto faz parte) haja rigor e disciplina, no estabelecimento das leis e dos factos, das teorias e das hipóteses;

filosofia, para que todo o planeamento e gestão não faço do homem objecto, em vez de sujeito e o obrigue a emigrar da sua condição humana.

A resposta a dar ao desafio que a situação de crise da humanidade lança aos grupos e às nações há-de vir também do Desporto. O Desporto é um facto e um dos factos mais gerais e constantes da História. Mas o Desporto é também uma necessidade e, como tal, um dever, derivado do facto universal do Desporto e da premência da sua necessidade. O Desporto não pode conceber-se, sem uma nítida relação axiológica, em ordem a um desenvolvimento integral do homem e da humanidade, já que um problema que exclua a totalidade, não só é mal posto, como não tem solução! Esta a proposta que se deixa, aqui e agora: só um Desporto que vise o Todo, isto é, o termo do dualismo corpo/alma e do antagonismo senhor/servo e da separação homem/mulher e da oposição cultura (como tradição)/cultura (como rotura e criatividade) - só um Desporto que vise o Todo será Futuro!

Fundação Cuidar o Futuro